Conheça o seu Exército

GEN. DIV. PAULO ROBERTO LARANJEIRAS CALDAS (*)

1 Apresentação

A aproximação do dia 25 de agosto, "Dia do Soldado", quando homenageamos o mais ilustre de todos os Soldados Brasileiros, o Marechal Luis Alves de Lima e Silva, o DUQUE DE CAXIAS, inspirou este Comandante a escrever o trabalho "CONHEÇA O SEU EXÉRCITO", na oportunidade em que o INSTITUTO DO CEARÁ homenageia, mais uma vez, o EXÉRCITO BRASILEIRO, ratificando os estreitos laços de fraterna amizade e confiança entre esta sociedade civil, de caráter científico e cultural, e a Instituição Armada FORÇA TERRESTRE, essencial na garantia da segurança e da soberania nacional.

Sem erudições literárias ou pretensões de esgotar o assunto, apresento uma síntese da História do Exército Brasileiro, apontando, apenas, algumas áreas de interseção desta com a própria História do nosso País.

Do nascimento nos MONTES GUARARAPES, passando pelas ações de CAXIAS em prol da manutenção da unidade nacional e da integridade territorial, até chegar aos dias atuais, ficará evidente que o EXÉRCITO BRASILEIRO sempre se identificou com o Povo, com o qual nutre inabalável compromisso de fidelidade.

2 O homem d'armas no alvorecer da nacionalidade

Em 8 de março de 1500, partia do Porto do Tejo, Portugal, frota de dez naus e duas caravelas, comandadas pelo navegador Pedro Álvares Cabral. Seu destino declarado - as Índias - encobria sua verdadeira missão: descobrir terras além-mar.

(*) Comandante da 10ª. Região Militar.

Trinta anos depois do 22 de abril de 1500, iniciava-se a colonização do que já prenunciava ser um território rico, no qual "em se plantando tudo dá". Urgia defendê-lo para que fosse legado íntegro às futuras gerações.

A união entre as coroas lusa e espanhola, em 1580, que tornou as terras da América pertencentes a um só Rei e Senhor, permitiu o alargamento da base física da colônia portuguesa, pela extraordinária ação exploradora empreendida pelas Entradas e Bandeiras. Naquela época, os portugueses, estimulados por notável visão estratégica, buscaram fixar os limites da colônia em acidentes geográficos bem nítidos e o mais possível a oeste. Assim, no interior da Amazônia, nos Pampas Sulinos e nos confins dos Sertões, à medida que avançava a marcha desbravadora dos Bandeirantes, surgiram fortes e fortins - sentinelas de pedra a bradar: "esta terra tem dono!".

As primeiras povoações nasciam e prosperavam em torno da fortaleza, símbolo da disposição portuguesa de permanecer na colônia. As ações de defesa assumiram caráter prioritário. Nelas, todos - militares profissionais, colonos, índios e escravos - estavam envolvidos.

Os donatários, líderes políticos e militares comandavam suas capitanias hereditárias, posteriormente subordinadas ao Governo Geral, com sede em Salvador.

Nesse período, inicia-se a cobiça estrangeira sobre o território brasileiro.

Alguns povos chegaram a instalar-se no solo da antiga Colônia sendo, no entanto, todos expulsos.

A primeira dessas escaramuças, por parte dos franceses, fracassou graças à índole guerreira do primeiro habitante, o índio, origem da coragem e da lealdade que, ainda hoje, caracteriza o Soldado Brasileiro.

De todas as tentativas de ocupação e posse, a mais importante, no tempo e no espaço, foi, sem dúvida, a empreendida pela Companhia das Índias Ocidentais, empresa militar de colonização pertencente ao Governo da Holanda, país que, à época, ocupava lugar de destaque dentre as potências mundiais.

No início de 1630, uma esquadra poderosa, com mais de cinqüenta navios, desembarcou sete mil homens na costa nordestina, em meio a violenta reação. Seguiram-se sete anos de lutas, até que a conquista fosse consolidada.

A resistência dos homens da terra não se esgotou. A chama da indignação permanecia acesa, criando o caldo de cultura onde começavam a germinar o sentimento mais puro e a arma mais poderosa de uma nação: O amor à Terra, o Patriotismo!

Fortalecia-se em torno de um ideal o amálgama de raças que identifica a natureza do Povo Brasileiro. Um forte sentimento comum se desenvolvia na adversidade.

"A Guerra Brasílica", como ficou conhecida, empregava a tática da guerrilha e a estratégia do desgaste. A movimentação ágil, aproveitando os acidentes do terreno e os esconderijos da mata, as emboscadas e os ataques de surpresa infernizavam a vida dos holandeses.

O tempo não era fator preponderante; a determinação e a vontade de vencer, sim!

O mercantilismo, doutrina econômica em voga na época, estimulava o invasor a drenar para a Europa, em ritmo cada vez mais acelerado, os recursos da terra ocupada.

A reação brasileira se fez sentir. A vitória do Monte das Tabocas caracteriza o ponto de inflexão daquela guerra. A vontade começava a impor-se à força. O sentimento de amor à terra, mais forte que as mais poderosas e sofisticadas armas, falava mais alto, passando a determinar o pensamento e as ações dos patriotas brasileiros.

Henrique Dias traduziu, em uma carta aos holandeses, a essência desse sentimento: "... saibam vossas mercês que Pernambuco é minha Pátria e já não podemos sofrer tanta ausência dela. Aqui haveremos de perder as vidas ou haveremos de deitar vossas mercês fora dela. E, ainda que o Governador e Sua Majestade nos mandem retirar para Bahia, primeiro que o façamos, haveremos de responder-lhes e dar-lhes as razões que temos para não desistir da guerra".

Uma nova nacionalidade começava a nascer!

Em 19 de abril de 1648, o protesto dos pernambucanos contra a espoliação da terra violentada cobre de glórias as colinas dos Guararapes. Cinco mil holandeses são batidos por dois mil e quinhentos patrícios que, com munição escassa, só atiravam na certeza de não errar o alvo para, em seguida, atacar com arma branca.

Era a consolidação da vitória e, neste local, naquele dia, segundo as palavras do general Mascarenhas de Morais, Comandante da Força Expedicionária Brasileira na 2ª Guerra Mundial, "a força armada do Brasil se forjou e alicerçou, para sempre, a base da nação brasileira". Nascia o Brasil, abençoado pela cruz e protegido pela espada.

Esses acontecimentos memoráveis constituíram um dos mais belos capítulos de nossa História. Seu protagonista foi o povo em armas representado por todas as raças e camadas e por diferentes matizes sociais. O sangue derramado serviu para traçar os destinos do Brasil e de sua Força Terrestre, conforme o futuro iria ratificar.

3 O Exército Brasileiro: do nascimento ao limiar do ano 2000

A vasta e rica planície platina, irrigada pelos rios Paraná, Paraguai e Uruguai e extensa rede de afluentes, ensejava cenário grandioso para embates militares. O campo aberto, pontilhado de capões, vegetação ciliar e coxilhas, era o habitat natural do gaúcho, derivado dos charruas, fusão de homem e cavalo em simbiose perfeita. Lá, desde o início, predominavam o galope rápido pelos pampas e o manejo hábil da lança e da espada.

As calhas dos rios apresentavam-se como anteparos perfeitos, a separar guerreiros de mesma índole. Portugal vislumbrava a ampliação dos limites da nova colônia pela obtenção de fronteiras naturais.

Em 1680, em visionária ação estratégica, os portugueses fundaram, na margem norte do Estuário do Prata, a Colônia do Sacramento, em oposição à próspera cidadela espanhola na região: Buenos Aires.

Concomitantemente, intuíram que as missões jesuíticas, estabelecidas na região dos Sete Povos das Missões, por representarem enclave espanhol no lado oriental do rio Uruguai, destinavam-se a ser lusitanas.

Em torno desse expressivo "pomo de discórdia territorial", estabeleceu-se grave contencioso, herdado pelos países que surgiram da independência das colônias espanholas e portuguesas fincadas no Prata.

Sacramento sucumbiu pela dificuldade de apoio, ficando com os espanhóis. Quanto à Região das Missões, fruto do empenho luso-brasileiro na Guerra Guaranítica, abriga, hoje, prósperas cidades do Rio Grande do Sul.

Ao contemplar-se, hoje, o sul do Brasil, onde o "quartel" está presente em muitos municípios, não há como deixar de reportar-se às lutas dos antepassados, cujo sangue generoso verteu para legar-nos esses pagos que conformam a pátria de todos nós brasileiros.

Os sonhos de liberdade do julgo português, denominado nativista, já embeveciam os habitantes do Brasil desde o início do século XVI. Essas manifestações, na maioria das vezes de natureza militar, ficaram vinculadas à História da Força Terrestre Brasileira, uma vez que não havia como convencer a metrópole, senão pela força das armas, da necessidade de libertar a colônia.

O sentimento nativista evolui até ganhar a condição de movimento de libertação colonial. Dentre esses movimentos, destaca-se o de Minas Gerais, já no final do século XVIII, quando personalidades de relevo da sociedade local, entre estas, um punhado de Oficiais do Regimento dos Dragões de Minas, levantaram-se contra o domínio lusitano. O mais entusiasmado de todos era um simples alferes, Joaquim José da Silva Xavier, que atendia pela alcunha de Tiradentes. Traídos, os inconfidentes são presos e condenados ao degredo ou à morte. O sonho de liberdade, há muito acalentado, tornar-se-ia realidade em 7 de setembro de 1822, pelas mãos do nosso primeiro imperador, D. Pedro I.

Após a independência, em 1822, a atuação do Exército Brasileiro, internamente, foi decisiva para derrotar todas as tentativas

de fragmentação territorial e social do País. A manutenção da unidade nacional, penosamente legada por nossos antepassados, é decorrente das suas ações, em particular, da atuação do DUQUE DE CAXIAS. Desse modo, ontem, como hoje, prevaleceram as necessidades de segurança e de integração nacionais, reflexo da vontade soberana do Povo, expressa, como ideal intangível, nas constituições brasileiras de todos os tempos.

Já no âmbito internacional, a Força Terrestre participou vitoriosamente do conflito que, na segunda metade do século XIX, ocorreu no Cone Sul do Continente Sul-Americano: a Guerra da Tríplice Aliança.

Em decorrência da sintonia permanente que o Exército sempre teve com a sociedade brasileira, seu papel foi decisivo na Proclamação da República e na consolidação da mesma. Naquele período, particularmente conturbado, os militares desempenharam papel de moderação, idêntico ao exercido pelo imperador na monarquia, garantindo a sobrevivência das instituições.

Após a 1ª Guerra Mundial, o Exército experimentou um período de soerguimento profissional, que iria completar-se com a contratação, em 1920, da missão militar francesa. Porém, foi a obra ciclópica do Marechal Rondon, interligando os sertões interiores aos grandes centros, reconhecida internacionalmente como conquista da humanidade, o que mais marcou esse início de século.

A 2ª Guerra Mundial trouxe modificações significativas na evolução do Exército Brasileiro. Em 1942, em resposta ao torpedeamento de vários de seus navios mercantes, o Brasil declarou guerra às potências do eixo. A seguir, já em 1944, o país enviou para o teatro de operações europeu uma força expedicionária organizada em curto espaço de tempo, sob o comando do general Mascarenhas de Moraes. Designada para operar na Itália, durante o tempo em que esteve em combate, compondo o V Exército dos Estados Unidos da América, a Divisão brasileira sofreu mais de 400 baixas por morte em ação. Antes que o conflito terminasse, havia feito mais de 15.000 prisioneiros de guerra e capturado duas Divisões inimigas.

Na Itália, a FEB cobriu-se de glórias, combatendo tropas aguerridas, ao lado de soldados calejados por anos de campanha. Nada ficaria a dever a uns e outros. As glórias colhidas em Monte Castelo, Montese e Fornovo, e em tantas outras ações, estão gravadas com letras de sangue na História Militar Brasileira. Aos nossos pracinhas devemos, em difícil hora, a garantia da dignidade de nossa Pátria.

A partir 1964, o Exército passou por importantes transformações. Acompanhando o acelerado desenvolvimento econômico e industrial do país, realizou consideráveis investimentos em ciência e tecnologia, o que permitiu fornecer à tropa equipamentos e armamentos projetados e fabricados pelas indústrias nacionais. Além dessa evolução tecnológica, foi renovado o Sistema de Instrução Militar e foram estruturadas as atuais Divisões de Exército e Brigadas, combinações de tropas mais leves e flexíveis, consentâneas com as peculiaridades do ambiente operacional brasileiro.

Honrando compromissos internacionais assumidos, o Brasil vem participando de inúmeras operações de manutenção da paz em diversas partes do mundo.

Chegamos ao final do 2º milênio. O Exército Brasileiro cresceu e modernizou-se, integrando, representando e servindo, orgulhosamente, a uma diversificada sociedade. Conquistou projeção e estatura compatíveis com o crescimento econômico, político, social e estratégico do país.

Além das atividades-fim e atividades-meio estabelecidas para atender sua destinação constitucional, o Exército tem cooperado com o desenvolvimento nacional e com a defesa civil, em vários campos de atividade. Entre outras, convém destacar:

- apoio ao ensino: Através de doze colégios militares distribuídos pelo país, com ensino que vai da 5ª Série/1º Grau à 3ª Série/2º Grau;
- apoio à infra-estrutura econômica: construindo estradas, ferrovias, pontes, viadutos, túneis e açudes;
- apoio à defesa civil: resgatando populações nos casos de enchentes, restabelecendo a ligação terrestre entre comunidades com a cons-

trução de pontes emergenciais e colaborando no controle de incêndios em áreas de preservação, em especial matas; e

- apoio à população-mirim sob risco social: atuando junto aos menores carentes, através de programas destinados a garantir cidadania, educação geral, cívica e profissional, alimentação, esporte e lazer.

Este é o Exército Brasileiro no início do ano 2000. Um Exército composto de homens e mulheres, brasileiros de todos os cantos do país, representantes genuínos de nossa gente. Sua principal virtude é não se tornar uma casta divorciada dos objetivos da nação, mas comungar dos mesmos ideais. Um Exército que se inspira, a cada instante, no seu Patrono, o Marechal Luis Alves de Lima e Silva, o grande forjador da SOBERANIA E DA INTEGRIDADE NACIONAL.

Somos hoje uma Nação Soberana, amante da liberdade e da Democracia e fraternalmente mestiça na raça e na cultura. A defendê-la, temos um Exército identificado, de forma permanente, com as mais caras aspirações de nosso povo, uma Instituição tão essencial, nos dias de hoje, à segurança e à soberania nacionais, como foi o Exército Patriótico, na memorável jornada de 19 de abril de 1648.

4 Conclusão

O destino e a grandeza do nosso Exército têm sido, desde a expulsão do invasor holandês, nos MONTES GUARARAPES, passando pelos extraordinários feitos do DUQUE DE CAXIAS, exemplo de Guerreiro e Cidadão, o de exercer o papel que espera e necessita a nação brasileira: o braço forte na garantia de suas soberania e segurança e a mão amiga na solidariedade em todos os momentos.

Ao longo da história, nem a amplitude nem a duração de crises têm impedido esse compromisso com a nossa sociedade.

O desafio atual, decerto, não é maior que o dos nossos antepassados: projetar um Exército que atenda ao Brasil, suas aspi-

rações, complexidade e potencial. O sucesso que temos alcançado no exercício dessa tarefa evidencia-se na confiança absoluta que o brasileiro tem em seu Exército, confirmada e ampliada nas pesquisas de opinião.

O fator fundamental desse êxito está na capacidade de compreender o presente, perceber o futuro e preservar o conjunto de valores herdados.

Estamos vivendo um mundo de transformações amplas e muito rápidas, que se aceleram cada vez mais, em todos os campos da atividade humana, em que as normas, organizações e instituições têm de se adaptar, constantemente, à mutação continuada dessa realidade, como condição de suas permanências.

Inserir o Exército nesta realidade é nossa grande tarefa e isto implica ousar e, sustentado pelos valores que conformam nossa identidade, adotar uma visão menos ortodoxa e mais adequada ao ambiente que nos envolve e limita. A experiência comprova que as crises sempre existiram e passaram e que o Brasil e a instituição cresceram sempre. E porque nos move, em cada ação de Comando, a fé e a esperança, cremos no que queremos, seguros, otimistas e confiantes, sobretudo nos recursos humanos que compõem nossos quadros: os homens d´armas do ano 2000.